

O INTERESSE DA INVESTIGAÇÃO LINGÜÍSTICA NOS DOMÍNIOS DO FOLCLORE DO MAR(*)

José Loureiro Fernandes

Instituto de Pesquisas da Faculdade de
Filosofia da Universidade do Paraná

A conceituação do tema oficial do 3.º Congresso Brasileiro de Folclore “Folclore do mar e dos rios do Brasil” se nos afigurou um pouco difícil para certas regiões atuais do nosso País, estudiosos que somos da orla marítima paranaense.

Porém, a divulgação feita pela Comissão Nacional de Folclore, do esquema proposto pela prof.^a Gertrud Uhlmann Burleim, da Comissão Estadual de Folclore da Bahia, sugerindo os principais motivos pelos quais o tema de preferência deveria ser abordado, mostrou o “senso lato” que se deu à sua conceituação.

Abordando tradicionais problemas humanos em relação ao mar, difícil seria a sua abordagem sem a sugestão acima referida, a qual, ao dar-lhe a necessária amplitude, veio mostrar que aqui, como na maioria dos problemas humanos, de vemos dar o justo relêvo aos fatores ecológicos.

Investigando aspectos tradicionais de uma cultura, não podemos omitir as influências que sôbre êles exerceram, no espaço e no tempo, essas forças evolutivas externas da vida étnica, isto é, os complexos de interações ou correlações existentes entre os vegetais, os animais e o homem em relação à superfície terrestre, que, por força de determinação do tema oficial dêste Congresso relaciona-se especificamente ao mar, mas também, como é óbvio, à orla marítima.

No caso do pescador paranaense, como sucede entre outros núcleos humanos da costa brasileira, não seria de aconselhar

(*) Contribuição ao tema oficial do “Terceiro Congresso Brasileiro de Folclore” realizado em julho de 1957 na Cidade do Salvador.

a dissociação da sua vida transitória na superfície das águas da que decorre na orla praieira onde tem sua habitação e lavoura, uma é por assim dizer corolário da outra, não se pode compreender o nosso pescador sem a sua tradicional roça de mandioca, a qual lhe vai fornecer a farinha para o pirão, complemento indispensável na sua alimentação cotidiana à base do pescado. Peixe e pirão de mandioca reminiscências da vida costeira das tribos Carijó.

Há, pois, todo um patrimônio de tradições comuns ao mar e à orla litorânea que merece ser analisado como um todo, integrando uma pequena área cultural.

Mas, para um estudo mais significativo, nesse sentido, seria de desejar que equipes de especialistas, nos diferentes ramos de estudos, cujo objeto é o homem e a sua cultura conjugassem reforços nas diferentes regiões do Brasil. Se correspondendo ao apêlo formulado no documento 365, da Comissão Nacional de Folclore, as diversas comissões estaduais tiverem promovido o estudo da matéria atinente ao Folclore das águas, será possível já um acervo analítico, cuja síntese irá facultar a interpretação mais segura de certos aspectos da cultura nacional.

Como membro da Comissão Paranaense de Folclore, foi nosso desejo trazer algumas notas ao tema “Folclore do Mar”, no item referente às investigações lingüísticas, particularmente no domínio de algumas “expressões locais” e de “aspectos da linguagem especial”, relacionados a certos fatos ecológicos e a elementos da cultura praieira.

Interesse lingüístico da pesquisa folclórica no domínio da terminologia arcaica ou tradicional, sobrevivente em segregadas populações da orla litorânea.

Como etnólogos, queremos empregar aqui o termo lingüística no significado amplo que lhe dão alguns dos seus atuais especialistas.

O termo lingüística é aqui empregado, num sentido amplo, “mais amplo do que o usual para que fique em concor-

dância com as possibilidades que atualmente se verificam no estudo da atividade verbal”, pois, forçosamente reconhecemos que, graças às possibilidades de análise de registros mecânicos e de outros processos científicos, no estudo dessa atividade, as perspectivas hoje oferecem novas e mais seguras diretrizes às investigações nos domínios dos fenômenos lingüísticos.

Dessa atividade verbal nos ocupamos, nos estudos ergológicos e tecnológicos, do emprêgo de expressões locais e de palavras próprias à atividade artesanal e às suas correlações com a fenomenologia ecológica.

No ambiente do homem do mar, fenômenos naturais e as poucas peças que constituem seu equipamento civilizador, desempenham um papel muito significativo, conseqüentemente têm ou tiveram um correspondente no mundo sonoro cujo estudo especializado, poderá proporcionar-nos elementos para elucidar aspectos do artesanato e compreender sutilezas dessas singulares almas de verdadeiros iniciados.

Folcloristas brasileiros e portugueses, na preocupação dominante de estudos eruditos, descuraram-se em aprofundar os seus conhecimentos nos domínios da cultura popular; a maioria das vêzes quando enfrentamos alguns desses problemas, com folcloristas portugueses, sentimos que, na Península, as dificuldades também são grandes na obtenção da terminologia precisa, outrora utilizada, por sem dúvida, por “mestres” categorizados do artesanato local. Devemos, no entanto, salientar, que filólogos portugueses, entre os quais avulta o Prof. Paiva Boléo, têm realizado em Portugal um trabalho notável que não nos parece ter sido nada de correspondente no Brasil, um trabalho dessa natureza, será útil contribuição, ao revelar-nos a área cultural luso-brasileira, através desse seu agente, por excelência que é a língua.

É possível que, com um estudo de campo de mais profundidade, procedendo a inquéritos lingüísticos com velhos informantes e valendo-se de antigos documentos ainda inexplorados sob êste aspecto, consiga-se realizar algo de útil ou significa-

tivo, para melhor caracterização das tradições populares no seio da comunidade luso-brasileira.

A importância é tal que o III.º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que como os anteriores, se destina a promover o estudo da formação, desenvolvimento, difusão e manifestações características da civilização luso-brasileira, o qual se realizará em setembro próximo, em Lisboa, incluiu, entre suas secções, uma destinada aos problemas culturais vinculados à língua e na mesma um item específico sobre “Terminologia náutica e rural em Portugal, Ilhas Atlânticas e Brasil”.

Tornou-se cedo, à força de ser repetido o papel preponderante que o mar e as atividades náuticas desempenharam na formação do povo português; portanto, supérflua qualquer referência especial ao contingente de tradições marítimas que recebemos da Península e das ilhas (Açores particularmente) das quais algumas ainda sobrevivem nos núcleos praiheiros brasileiros, remanescentes de lusos e ameríndios. Pois, se quase exclusivamente na tradição lusa devemos buscar nossas raízes, por outro lado, no início da colonização pelo elemento indígena pertencente à grande família lingüística tupi-guarani, cumpre seja dada a ênfase à contribuição aborígine, para a terminologia costeira e atividades humanas correlatas a esse habitat, ao estudarmos a fâcies brasileira da grande área cultural luso-brasileira. Aliás, estudando os “elementos culturais da pescaria baiana”, o erudito frei C. T. Ott, registrou “o sêlo indelével” que a língua indígena imprimiu “à topografia, flora e fauna baianas”, bem como às indústrias populares e costumes que remontam à origem ameríndia. No Paraná, como veremos em alguns exemplos mencionados neste trabalho, poderíamos, também, afirmar com o referido autor: “Há outros campos em que o elemento cultural português se irmanou com o do índio e vice-versa, justapondo ou mesclando seus componentes”.

Se os estudos do referido autor na Bahia, estado que se encontra em nosso País na área de influência negra, podem

afirmar que nos costumes dos pescadores baianos, por êle estudados, a influência do continente africano é bem limitada ou quase nula, aqui no Paraná forçoso é reconhecer que nada nesse sentido se pôde registrar.

Fontes preciosas no Paraná, para estudos folclóricos sôbre o mar, são justamente, as sobrevivências terminológicas que ainda encontramos nestes núcleos humanos tradicionais de praieiros, que até nós chegaram graças à segregação na qual viveram, pela carência de comunicações que lhes dificultou, até o fim do primeiro quartel dêste século, o contato com núcleos vilarejos ou urbanos de maior significado cultural.

Mas, em alguns dêsses núcleos, a construção recente, na vizinhança, de balneários, tem exercido uma influência muito manifesta quando aos aspectos tradicionais da vida praieira, intensificando a perda, pelo desuso, entre as novas gerações de praieiros, da terminologia técnica arcaica e a progressiva aceitação de expressões genéricas, usuais entre a população banhista. Necessário se torna, pois, seja procedido, neste domínio do tradicional, um urgente trabalho de pesquisa, uma investigação folclórica, nos domínios da arqueologia do espírito humano, junto aos velhos e seguros informantes ainda existentes ao longo da costa brasileira, pois só êles serão capazes de realizar reconstituições de objetos primitivos cuja recuperação poderá ser feita, face a algo de realmente atuante na sua mente ou de algo apenas recordado.

Não nos esqueçamos, também, que com esta conquista de primitivas formas recuperamos, por vêzes, todo um mundo sonoro que vai, por culpa de nossa displicência, caindo em desuso, onde se deparam “expressões locais” e uma “linguagem especial”, ricas em precisão e pureza, as quais incorporadas, adequadamente, aos textos de estudo só podem valorizar êste agente poderoso da cultura que é a língua.

Expressões locais

Face à escassez do material de que dispomos no momento, a propósito de estudos lingüísticos realizados na costa do Brasil, em considerações gerais e alguns exemplos, queremos

apenas trazer nossa pequena contribuição para a rubrica de “Expressões locais”, expressões e termos ouvidos na costa paranaense quando da realização de estudos etnológicos.

Queremo-nos valer desta oportunidade para registrar certas expressões e atitudes usadas no litoral paranaense que nos pareceram muito significativas em relação ao mar. Uma delas, sobretudo, parece merecer-nos particular registro, pois, referindo-se ao ar do mar, revela-se de tão alta propriedade que cumpre se lhes aponham algumas considerações, nas quais procuramos acentuar o valor do significado erudito que encerra, embora se trate de uma expressão popular local.

Sabe-se que o ar do mar e da costa vizinha, como resultado da larga superfície líquida salgada do oceano, está constantemente saturado de certa umidade carregada de sais; esta umidade ao depositar-se nas superfícies sólidas terrestres, sob a influência dos ventos e da ação solar, sofre a evaporação da água de dissolução e deixa uma substância residual que recebe a designação vulgar de salitre.

Daí a denominação popular, freqüentemente usada, mesmo pelo elemento citadino que freqüenta o balneário, de ar salitrado, ar do mar, ao qual, secularmente os conhecedores de medicina popular atribuem virtudes curativas e influências maléficas.

Na realidade não são estas as expressões mais exatas, pois, na sua acepção vulgar, o salitre é apenas a substância residual resultante da evaporação do solvente quando, na realidade, no ar do mar, essa substância ainda se encontra sob a forma de um soluto o qual é finamente pulverizado, aljofrado ou rociado.

À primeira vista, parece tudo isso preocupação de pesquisa com filigranas de técnica, as quais não encontrarão correspondente nos recursos verbais na linguagem popular.

Qual não foi porém a nossa surpresa, quando nos trabalhos de campo, ao procurarmos explicar as condições particulares da face dos troncos das árvores, voltadas para o mar e conseqüentemente expostas ao “ar saturado de umidade

salina”, ouvimos os velhos praieiros nos dizerem que a casca dos troncos assim eram em consequência do **rocio do mar**.

Rocio do mar, embora se revista de uma certa expressão lírica, é, inegavelmente uma expressão precisa para esta condição atmosférica dominante na nossa orla marítima, onde o mar tudo borriфа e enche de moléculas líquidas, criando um ambiente onde a ação das suas águas, sôbre o homem da orla das terras ainda se exerce por uma umidade dominante.

Registramos, com alguns comentários analíticos, esta expressão **rocio do mar** como exemplo muito significativo da nossa tese de que, com estudos folclóricos mais amplos, no domínio da nossa terminologia popular regional, poderemos encontrar sobrevivências de expressões e denominações muito próprias, para suprirem certas deficiências dos textos eruditos e científicos.

Queremos, ainda, acentuar que, nas espresões referentes ao mar, sente-se que o praieiro procura transferir-lhe poderes como se tratasse de um grande organismo vivo, um ser poderoso que nos faz pensar em reminiscências da sua divinização pelas seitas pagãs.

Com o mar não se brinca é a ponderação freqüente que se ouve quando algum afoito, desprezando a advertência de experimentado pescador, quer-se expor ao risco de navegar em face de prenúncio de más condições atmosféricas. Inegavelmente êsses praieiros sentem o mar, compreendem-no, por isso repetem freqüentemente, ante a ânsia de projetadas navegações — **o mar é quem manda**.

Do mesmo modo o ruído das suas águas é para êles a **toada do mar**, um mundo misterioso de sons, através do qual interpretam estranhas mensagens da maior significação para os seus misteres da pesca.

Para o nosso pescador o mar tem um tom — **o som do mar**, que, ouvido à noite, prognostica o tempo, prognóstico que é favorável, se o bramido se faz ouvir na direção do norte, desfavorável quando essa direção é a do sul.

As águas têm um sentido altamente dinâmico para o pescador, motivo pelo qual, no domínio da lingüística, acreditamos ser tema de alto valor expressional. Na náutica as águas são, por vêzes, intérpretes de correntes marinhas eventualmente predominantes — águas a leste — mar grosso ou águas do sul — mar manso.

Mencionando entre os principais motivos de interesse folclórico — frases - feitas, expressões locais, linguagem especial, etc. — o que poderiam ser abordadas no sector lingüístico, o esquema da comissão de folclore da Bahia, tácitamente reconheceu a multiplicidade de aspectos pelos quais o tema, embora focalizado por lingüistas, pode trazer contribuição para o estudo das nossas tradições.

A propósito lembramos a iniciativa do Centro de Estudos Lingüísticos do Paraná, o qual iniciou um inquérito especializado no litoral paranaense numa base dialetal e do qual apenas uma pequena parte foi publicada recentemente.

No pequeno vocabulário publicado neste trabalho (Contribuição para um inquérito lingüístico no litoral do Paraná — Serafina T. B. do Amaral) fomos encontrar, para a mandioca, um registro, que também fizemos em todo o litoral e parte do planalto paraniano, sob o nome genérico de “rama” com as seguintes expressões dialetais: **aquele artu alí é so rama; agora ta nu tempo de prantá rama**. Há também nesse mesmo registro dialetal, uma acidental contribuição folclórica no sector das crendices: **fai már apontá azistrêla — dá birruga**. Outra ainda ocorre quando registra **licrim** por **alecrim** e acrescenta, “usado em defumação quando nasce uma criança — livra do mau olhado”.

Outras contribuições nesse sentido devemos encontrar, quando publicados os trabalhos do Segundo Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Curitiba, na colaboração que alguns elementos do referido Centro levaram ao tema “Folclore do Paraná”.

Apontando tôdas estas contribuições, em relação às tradições da orla marítima, na perspectiva das que surgirão neste

conclave, antevejo o progresso dos estudos futuros, quando em equipe colaborarem folcloristas e lingüistas.

Desta falta de colaboração res senti, anos passados, quando tentei mostrar até que ponto os conhecimentos populares de uma geografia, digamos assim, tradicional da orla marítima, coincidia com o critério científico, adotado para seu estudo fitogeográfico. Sentimos quase identidade na subdivisão da orla, mas ainda não conquistamos tôda a terminologia adequada de base popular, não obstante têmos comprovado que ao tradicional praieiro não escapou a particular distribuição das espécies vegetais que definem limites entre a formação arenosa da praia influenciada direta e constantemente pelas águas do mar e dos pântanos interiores, para os quais procura dar particular denominação.

No Paraná, para o homem do mar, essa associação vegetal que se segue à vegetação rasteira das areias (psamófitas), vegetação de maior porte é a **capeva**.

Sabemos, no entanto, que noutros Estados, como São Paulo, entre o povo costeiro essa associação recebe o nome de **nhundú** ou **jundú**, como registrado também se encontra a mesma denominação a propósito dos “campos cerrados” do interior.

Esclarece, a êsse respeito, o botânico Prof. Felix Rawitscher, quando diz que nesta vegetação da orla costeira, imiscuem-se vários elementos que encontramos novamente em lugares secos do interior como, por exemplo, nos “campos cerrados”.

Procuramos uma solução nos domínios da lingüística para essa variante de terminologia local, pois pareceu-nos que a análise lingüística dêsses dois têmos feita por especialista, analisando sua procedência, étnica e etimológica, seria um critério seguro para a seleção. E a êsse respeito formulamos uma consulta ao conceituado Prof. Mansur Guérios.

Baseada, em mestres como Teodoro Sampaio a resposta do Prof. Mansur Guérios, não nos trouxe os desejados ele-

mentos, nos quais fundamentássemos um critério de seleção, a fim de optarmos pela inclusão preferencial de uma dessas denominações populares nos nossos textos de estudo.

Pois Teodoro Sampaio em *O Tupi na Geografia Nacional*, terceira edição, registra “*Caɛbeba* corr. *caá-peba*, a fôlha chã ou plana”. O primeiro elemento comenta o Prof. Mansur Guérios “*Caá* — do tupi — pode ser traduzido por “mato” ou ainda “fôlha” e o segundo deve ser o mesmo que *peba* “chato, achatado”. Quanto a *nhundú* e *jundú*, Teodoro Sampaio registra sob a forma *jundú*- — corr. *nhu(n) tu(n)* —” o campo sujo, o terreno à beira-mar que começa a ser invadido pela vegetação mais alta. — São Paulo. O Pe. Teschauer repete o étimo de Teodoro Sampaio e também — “formação vegetal, denominada de restinga”.

Ambos os termos indígenas, etimologicamente encerram conceitos que, prestando-se a caracterizar a mata das restingas, não nos proporcionam ainda elementos para optar.

Como, no entretanto, Cândido de Figueiredo registra ambos com a anotação “brasileirismo do Sul”, é possível que, se fôr feito o estudo dessa terminologia tradicional ao longo da costa brasileira, venhamos a ter outros dados mais positivos, no sentido de podermos valorizar mais elementos da nossa terminologia popular.

Creemos, por vêzes, num duplo conceito, aí encerrado: O “de fôlha chã ou planta” como sói ser a fôlha das plantas xerófitas da restinga, e o de “mato achatado”.

A propósito dêste último cumpre lembrar que a mata da restinga em consequência de ventos de largo, tem suas frondes inclinadas como se realmente sofresse uma pressão constante que as achatasse, o praieiro tem para êste aspecto uma expressão muito significativa — é a **cama do vento**.

Aliás não se compreende o mar sem os ventos que dominam na sua superfície e talvez por isso, entre êsses homens do mar, deparam-se freqüentemente com expressões e provérbios referentes ao vento.

Quando no interior das baías, navegam protegidos pelo relêvo orográfico e a vegetação ribeirinha, costumam dizer que o fazem **na sombra do vento**.

Os ventos na costa são caracterizados pelas direções que sopram, em relação aos pontos cardinais ou à rosa dos ventos e têm-se por muito bem conhecidos os seus efeitos, expressos em formas proverbiais.

O vento norte é o que principalmente arruína o tempo e a resposta a êle é o **sul que vem roxo**, isto é, ninguém duvida que depois do vento norte ou do nordeste se apresentará o vento sul, geralmente acompanhado de chuvas torrenciais, por isso diz-se: **norte duro, sul seguro** ou **nordeste anoitecido, temporal amanhecido** ou ainda **quando chove nordestia, conta quatro a seis dias**.

Os animais dão também sua nota ecológica no mundo dos ventos: as tainhas aglomeram-se na foz dos rios — **tainhas na foz dos rios, rebôjo que se avizinha**.

Rebôjo na costa paranaense significa “vento sul seguido de frio e chuva”. A aproximação do vento sul é também pressentida pelos corvos que em bando voam alto, pousando de vez em quando na praia, para logo retomar o vôo, daí ser corrente a expressão: **urubu no ar, vento sul no mar**.

Apenas uma expressão colhemos a êsse respeito, com menção ao mundo vegetal, é a que diz: **Quebra-se pau na serra, chuva na terra**.

LINGUAGEM ESPECIAL

Há, na realidade, em uso no Paraná, entre êstes “homens” que vivem do mar e do solo da floresta litorânea, uma linguagem especial a que recorrem, naturalmente, quando no desempenho de suas múltiplas atividades, ora navegando na superfície das águas, ora pescando, ora trabalhando em indústrias caseiras.

Seria impertinência, sem sermos lingüista, continuar a insistir na necessidade dêstes estudos de lingüística, como elementos básicos para estudos da vida tradicional dos nossos

homens do mar, cingimo-nos pois, a seleccionar alguns casos muito objetivos, colhidos quando participávamos da vida dos praieiros no decurso das suas múltiplas atividades diurnas, os quais valem, como ilustrações dos recursos que, para o estudo das atividades humanas, podem folcloristas, etnógrafos, retirar matéria lingüística tão especializada.

TERMINOLOGIA NAUTICA: — A terminologia náutica portugüesa tem sido objeto de estudo da parte de consagrados especialistas portugüeses, e fôrça é reconhecer o mérito dos trabalhos realizados. Nesse setor a situação que se depara na esfera da náutica é muito diferente da que defrontamos no domínio lingüístico quando relacionado às indústrias caseiras.

A respeito realizamos há alguns anos, com uma nossa aluna um estudo (*) comparativo no qual nos utilizamos do vocabulário coligido por Baldaque Silva, na sua clássica obra sôbre “A pesca em Portugal”, e nos foi dado constatar a absoluta predominância na náutica da terminologã portugüesa embora ergológicamente haja elementos fundamentais indígenas.

A propósito transcrevemos do referido trabalho (ainda inedito) o seguinte trecho: “Seguindo a tradição adquirida, no contato dos primeiros povoadores lusos do litoral com os Carijó, continua o praiano paranaense a construir canoas escavando troncos especialmente de guapiruvu. Velho marinheiro, compreendeu o portugüês a estabilidade e as vantagens náuticas que lhe podia proporcionar a canoa indígena, construída satisfazendo requisitos técnicos sob forma tão diversa do barco de mar de Portugal, mas sem exigir para a sua construção os aprestos, mesmo modestos, dos estaleiros portugüeses. Sentiu no melhorar sua construção, uma maior segurança para se aventurar ao largo e para, na falta de portos de abrigo, vencer a faixa de rebentação e ter acesso do areal para o mar e vice-versa.

(*) José Loureiro e Maria Aparecida Figueiredo — “Contribuição ao estudo da pesca e seus petrechos na região balneária da Praia de Leste”.

E' que, graças ao menor pêso, da embarcação em geral e particularmente da proa, as caturradas tornam-se mais rápidas, pois, na canoa monoxila, a proa, alteando-se facilmente, vence a faixa de rebentação, impedindo que a vaga marítima penetre no interior da embarcação ou como muito apropriadamente se diz na região, valendo-se da terminologia náutica: "a canoa fazendo caturradas muito rápidas, a água não lhe sobeja pela proa".

Este exemplo nos parece altamente significativo, tanto mais se levarmos em linha de conta as enormes diferenças existentes entre o barco de mar português e a canoa monoxila do praiano. Entretanto a terminologia técnica *caturrada* — "inclinação que a embarcação toma para avante quando por efeito da maré, dá balanço de pôpa a proa" foi aqui rigorosamente empregada.

Se na náutica, na própria canoa índia, a terminologia é tôda a de uma linguagem portuguesa, nas artes da pesca encontramos um exemplo marcante de persistência de terminologia indígena; em todo o litoral paranaense, a pequena rêde cônica, com alça e cabo, conhecida em Portugal por *ganha-pão* é para os nossos praieiros o *puçá*. Do uso e denominação dessas rêdes já há registro no século XVI feito por Gabriel Soares de Sousa, o qual registra a propósito da pesca entre os índios da costa: "Tomam as tainhas os índios com umas redinhas que chamam "puçás", que vão atadas em uma vara arcada".

O homem do povo, segregado nestas primitivas coletividades, na sua freqüente auto-suficiência, tem outras possibilidades de objetivar o próprio equipamento civilizador e suas particularidades que nós outros não possuímos.

A realidade do pequeno mundo que o cerca todos os dias sofre, nos seus aspectos variados, uma constante descrição, a qual o conduz, como fiel e constante observador, à memorização de uma terminologia técnica indispensável para expressar as minúcias discriminativas exigidas para a posse integral do conhecimento técnico.

Como nos domínios do folclore nos ocupamos, particularmente, de técnicas populares em meios primitivos, a posse dessa terminologia foi assegurada particularmente pela transmissão oral de geração a geração e corre conseqüentemente o risco de alterações verbais e outras que ao especialista compete esclarecer.

TERMINOLOGIA ARTESANAL — A importância dessa terminologia artesanal para os estudos ergológicos e tecnológicos, ainda usual na costa foi por nós, pela primeira vez, abordada quando no Segundo Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Curitiba, fizemos uma comunicação sobre trançados de cipó, e é na terminologia do trançado que se torna bem evidente esta lacuna.

Insistimos então na necessidade de estudos mais amplos dessas denominações locais nas diferentes regiões da costa brasileira, pois deve haver variantes, e faz-se mister seleção adequada e convenções rigorosas a fim de se incluir, na linguagem erudita, precisa terminologia popular. Seria estranho uma maneira de bem suprir uma parte das deficiências terminológicas não só nos estudos dos elementos da cultura material mas também dos fatores ecológicos com o objetivo fundamental de evitar, tanto quanto possível em nossos textos, a inclusão de terminologia estrangeira que ao sabor de autor será francesa, alemã ou inglesa.

A escassez de termos técnicos, empregados com muita propriedade, especialmente nestas artes populares, justifica um trabalho deste vulto como já tivemos oportunidade de insistir no nosso já mencionado trabalho sobre trançados.

Faíta-nos uma terminologia, um emprêgo de palavras peculiares, determinativas de pormenores técnicos, que passavam despercebidos nos registros eruditos louvados apenas em curiosas informações e trabalhos de gabinete, mas acreditamos ser possível, ainda, “em campo” os especialistas preencherem essa lacuna.

Nossa experiência já nos faculta individualizar com ter-

minologia popular, colhida entre os artesãos, dois elementos fundamentais e essenciais do trançado ou da cestaria: os tanchões e o tissume.

Os tanchões são os elementos de sustentação e constituem, na cestaria, as talas verticais ou longitudinais. O tissume está constituído pelos elementos horizontais, que se alternando sucessivamente por cima e por baixo dos anteriores, contribuem definitivamente para a morfologia e solidez das peças de trançados constituindo o elemento real de vedação que dá realmente corpo e existência à peça trançada. Lingüística e ergològicamente é muito significativo que os elementos verticais sejam denominados tanchões, pois é o têrmo que na multiplicidade de suas acepções, tem sobretudo o sentido de esteio, de elemento de sustentação, particularmente para vegetais cultivados, como a parreira, que nêles se enredam. Mas igualmente possui, em Portugal, um significado regional, que muito se identifica como que desempenha no trançado. Referimo-nos ao usual no Alentejo — “estaca de azinho com que se segura a rêde que veda o recinto onde o gado dorme ao ar livre”.

Sôbre êsses elementos de sustentação tènicamente dispostos é que o praireiro vai tramar os elementos horizontais conhecidos no litoral paranaense por tissume.

Digno de nota, como uma verdadeira solicitação a uma pesquisa lingüística, nos domínios arqueològicos é também o fato de tissum ser o têrmo pelo qual é conhecido um tecido do século XVIII. Não estaremos em face de um fenômeno arcaico de linguagem analògica?

Os trançados, como elemento básico os materiais flexíveis e as possibilidades de seus múltiplos entrecruzamentos, constituem entre as técnicas populares, uma daquelas nas quais são mais patentes as dificuldades de divulgação de trabalhos face à carência de terminologia própria, que os tornaria mais atraentes e acessíveis.

Trazendo esta pequena colaboração ao tema oficial, pro-

curamos corresponder ao apêlo formulado a tôdas as Comissões Estaduais, pois cremos que aos folcloristas nacionais, afeitos ao trato das pesquisas na esfera do tradicional, compete, quanto antes, no domínio da lingüística, coligir material de tão excepcional valor para a precisão terminológica no domínio das técnicas populares de que tanto carece, por vêzes, a língua nacional.

Nunca será demais encarecer o serviço inestimável que prestam à investigação dêsse gênero velhos e idôneos informantes, os quais, aprendizes que foram de conceituados artesões, receberam dêsses verdadeiros mestres do meio rural brasileiro dos séculos passados, tôda uma terminologia e tecnologia do mais alto interêsse para conhecimento das nossas mais antigas tradições, sobretudo quando colhidas através de um testemunho humano ainda vivo.

Quantas vêzes nos surpreendeu, no exame de um objeto, as possibilidades de discriminação dos seus variados aspectos de que são dotados êsses artífices populares, ainda senhores de antigos conhecimentos técnicos e lingüísticos!

São situações excepcionais que cumpre utilizar ao máximo aquelas nas quais, fortuitamente, encontramos “aquilo que motiva” a “objetivação” e o “sujeito” integrado no espírito tradicional popular capaz de sentir esta realidade que atua, dentro de possibilidades de discriminação cujo sentido foge a uma análise geral ergológica, mas por isso mesmo precioso para a interpretação dinâmica da cultura.
